

IMPORTÂNCIA DOS BRINQUEDOS NO COMPORTAMENTO DAS CRIANÇAS INTERNADAS NA UNIDADE PEDIÁTRICA DO HOSPITAL SANTO ANTÔNIO

Alana Maria de Souza Silva*

RESUMO: *Introdução:* As crianças de um modo geral são semelhantes entre si, elas passarão por processos de crescimento, desenvolvimento e maturação do seu organismo. Nos primeiros anos de suas vidas, as necessidades básicas ainda são mais determinantes, as estruturas cognitivas e psicoemocional se encontram em desenvolvimento, sua personalidade ainda não está formada. **Objetivos:** identificar a importância dos brinquedos no comportamento das crianças; apreender, segundo a visão dos pais e/ou responsáveis, o comportamento apresentado pelas crianças quando utilizam os brinquedos; conhecer a opinião dos pais e/ou responsáveis sobre os brinquedos disponíveis na unidade; conhecer a aceitação do tratamento terapêutico pelas crianças segundo a visão dos pais e/ou responsáveis; identificar a percepção dos pais e/ou responsáveis em relação ao interesse da criança em utilizar o brinquedo. **Metodologia:** o estudo foi descritivo de abordagem qualitativa, teve como sujeitos da pesquisa os pais e/ou responsáveis pelas crianças, foi utilizado um formulário semi-estruturado como instrumento, os dados foram coletados no período de abril de 2006 no Hospital Santo Antônio. **Resultados:** verificou-se que as crianças internadas ficam fragilizadas, necessitando de medidas que possam minimizar essa fragilidade, e uma delas é a utilização do brinquedo, fato que faz com que elas mudem de comportamento, expressem seus sentimentos e medos; constatou-se, portanto, que a disponibilização de brinquedos nas unidades pediátricas é de suma importância para o divertimento da criança internada, além de ser colaborador na aceitação do tratamento.

Palavras-chave: Brinquedo; Comportamento; Criança; Pais e/ou Responsáveis

INTRODUÇÃO

As crianças de um modo geral são semelhantes entre si, elas passarão por processos de crescimento, desenvolvimento e maturação do seu organismo. Nos primeiros anos de suas vidas, as necessidades básicas ainda são mais determinantes, as estruturas cognitivas e psicoemocional se encontram em desenvolvimento, sua personalidade ainda não está formada.

Durante esse processo de crescimento e desenvolvimento, a maior parte das crianças experimentará episódios de doenças agudas (resfriado, vírus) a cada ano, sendo que também poderão ter alguma doença crônica, ou seja, uma que deve durar seis meses ou mais.

Isso levará a criança a uma desagradável situação, o internamento hospitalar. Durante a hospitalização as crianças apresentam as mesmas necessidades emocionais e sociais básicas que são próprias da infância, ou seja, as crianças precisam de oportunidade para desenvolver habilidades motoras, sociais, capacidade psicológica e de linguagem (BRUNNER, 1999 apud SCHMITZ, 2000).

Na hospitalização, o quadro emocional da criança tende a piorar ainda mais, principalmente pelo fato de estarem afastadas de seus pais e serem submetidas a procedimentos médicos e de enfermagem. É nesse contexto que entra o brinquedo; ele pode ser usado para simulação de uma ação de enfermagem, seja uma simples injeção ou um procedimento mais

* Acadêmica do Curso de Enfermagem da Universidade Católica do Salvador – UCSal. nanamarry@terra.com.br. Orientadora: Ogvalda Devay de Sousa Tôres, Professora Titular de Parasitologia da Faculdade de Enfermagem da UCSal. ogvalda@svn.com.br.

complicado, além de diminuir a angústia, elevar o humor, reaproximar das atividades vivenciadas no seu cotidiano.

O Estatuto da Criança e do Adolescente assegura à criança o acompanhamento integral dos pais e ou responsáveis no internamento, o que, para a criança, é muito importante, pois lhe dará mais segurança e apoio para enfrentar os problemas. Ela acaba ficando mais alegre, mais confiante.

Para Paixão (1997, p.1) “Na maior parte do tempo de hospitalização, a criança ficará restringida ao leito, submetida à passividade, cercada de pessoas estranhas [...]”. Mas, no entanto, em alguns hospitais tem sido determinado um local destinado à brincadeira das crianças, que é chamado de BRINQUEDOTECA. O espaço deve conter variedade de brinquedos, de tipos e tamanhos diferentes, devem estar disponíveis para qualquer idade. Com o brinquedo a criança acaba vivenciando momentos e situações parecidas com as que elas estão acostumadas a ter, ou seja, brincando elas podem demonstrar mais facilmente o seu humor, suas alegrias e tristezas, além de ajudar na interação das crianças entre si, com seus familiares e com a equipe.

O interesse em desenvolver tal pesquisa, tema pouco abordado na Faculdade de Enfermagem, assim como um campo pouco explorado e desvalorizado na cidade de Salvador, baseado na dificuldade de encontrar material, surgiu após conversa com uma colega que assistiu à reportagem sobre o tema Brinquedo, despertando-me a curiosidade de saber se esse tipo de “terapia” pode interferir no emocional das crianças hospitalizadas, além de já haver passado por situação parecida, no momento em que uma prima ficou hospitalizada, e só aceitava fazer algum procedimento se estivesse com o seu brinquedo, demonstrando com isso uma forma de se defender e possibilitando a sua alegria. Saber de que maneira o brinquedo está influenciando o emocional da criança internada, e se isso é de importância para o seu emocional.

O estudo teve como objeto a importância dos brinquedos no comportamento das crianças internadas na Unidade Pediátrica do Hospital Santo Antônio, segundo a visão dos pais e/ou responsáveis. Teve como objetivo geral identificar a importância dos brinquedos no comportamento das crianças internadas na Unidade Pediátrica do Hospital Santo Antônio, segundo a visão dos pais e/ou responsáveis, e como objetivos específicos apreender, segundo a visão dos pais e/ou responsáveis, o comportamento apresentado pelas crianças quando utilizam os brinquedos; conhecer a opinião dos pais e/ou responsáveis sobre os brinquedos disponíveis na unidade; conhecer a aceitação do tratamento terapêutico pelas crianças segundo a visão dos pais e/ou responsáveis; identificar a percepção dos pais e/ou responsáveis em relação ao interesse da criança em utilizar o brinquedo.

Foi realizada no Hospital Santo Antônio, na Unidade Pediátrica do mesmo. Para sujeitos do estudo foram considerados pais e/ou responsáveis das crianças internadas no Hospital da Criança, que responderam ao formulário semi-estruturado utilizado pelo pesquisador como instrumento de coleta de dados, analisadas as respostas, agrupadas em categorias.

HOSPITALIZAÇÃO DA CRIANÇA

A internação hospitalar é uma necessidade inevitável, em certas condições de comprometimento orgânico, mas sempre muito traumática em pediatria. Crianças são particularmente vulneráveis às crises de doenças e hospitalização porque representam uma mudança no estado habitual de saúde e da rotina ambiental, além de possuírem um número limitado de mecanismos para enfrentar e superar experiências estressantes. Então, quando uma criança é hospitalizada, afeta toda a família. Muitas vezes, os pais se culpam pela enfermidade dos filhos, por não terem percebido os sintomas iniciais, pela demora no tratamento, ou atraso nos cuidados preventivos (THOMPSON, 1996).

Durante o processo de admissão da criança deve haver uma preparação para a hospitalização; é recomendado que, antes do internamento, haja uma visita da criança juntamente

com os pais à unidade pediátrica, proporcionando um clima de confiança entre pais, crianças e profissionais, diminuindo a ansiedade decorrente deste processo.

Dentre os ambientes a serem mostrados destacam-se as áreas de recreação, alimentação e higienização, onde seria importante a enfermeira procurar saber da mãe ou responsável todos os hábitos da criança, inclusive de sono e repouso, para que esta proporcione um ambiente tranquilo para o descanso da criança (LEONE; PETERLINE apud CHAUD, 1999). Além disso, a enfermeira deve orientar a criança e seus pais sobre os procedimentos a serem realizados, o tratamento, assim como apresentar os companheiros de quarto se este for o caso. Um ambiente informal e alegre ajuda a minimizar a diferença entre a casa e o hospital, adaptando-se às necessidades físicas e emocionais infantis; a unidade deve ter móveis de altura adequada às crianças, teto a prova de som, esquema de cores com apelo visual. (THOMPSON, 1996).

Alguns conselhos aos pais são recomendados: “Levar sempre a criança com seu brinquedo preferido, pouco importa o estado do brinquedo, de preferência, aquele que lhe dá mais segurança: pedaço de barbante, coberta, pedaço de lençol, chupeta urso, o importante é que tenha “*o ar de casa*”, sentimento preciso entre todos” (LINDQUIST, 1993).

A participação dos pais durante o internamento da criança é assegurada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, cap I, art. 12).

TERAPIA PELO BRINQUEDO

Murahevschi (2003) afirma que brincar é a atividade mais importante da vida de uma criança, pois ela proporciona o desenvolvimento social, motor, emocional, além de permitir a expressão dos sentimentos como a raiva, amor e ansiedade, opinião semelhante à de Rezende (1996), de que as crianças brincam por prazer, para exprimir a agressividade, para dominar a angústia, para aumentar sua experiência e para estabelecer contatos sociais, contribuindo, assim, para a unificação e a integração da personalidade da criança e permitindo-a comunicar-se com as outras doentes no hospital”.

Qualquer objeto pode ser visto como brinquedo ou como material de seu interesse, pela criança, abrangendo o chupar, o morder, bater, jogar, cheirar, ouvir etc (SINGUAD, 1996).

Então, uma contribuição importante da brincadeira é que as crianças absorvidas em atividades criativas acabam esquecendo que estão enfermas, é o que afirma Lind apud (LINDQUIST, 1993). Esse “esquecimento” normalmente se dá pela interação com outras crianças, descontração, pela alegria e motivação que giram em torno do brincar (ADAMS, 1999).

Pensou-se num espaço apropriado para realizar as atividades lúdicas e de recreação, com variedades de brinquedos e materiais necessários para a realização de atividades, e que também fornecesse atmosfera infantil, foi aí que surgiu a BINQUEDOTECA.

Material para brincar e sua utilização

Para Thompson (1996, p.187), “o tipo de brinquedo que a criança escolhe depende da sua idade”; à medida que a criança avança em um desenvolvimento motor, mental e social, vai apresentando mudanças em sua atividade lúdica; no tipo de objeto e nos brinquedos com que brinca.

Os brinquedos então podem estar agrupados de acordo com o tipo de materiais e com as idades. Crianças bem pequenas têm necessidade de brinquedos sólidos, inofensivos e muito coloridos. Devem ser fáceis de limpar (por exemplo, carretéis de linha pintados ou mesmo garrafas plásticas, vazias e de colorido diferente) (LINDQUIST, 1993)..

Para os maiores de um ano são recomendados brinquedos grandes, robustos, de formas e cores diferentes e quebra-cabeças simples, este material se completa com cartões para bordar, contas de madeira para passar fio, com isso eles podem treinar as mãos e a coordenação entre

mãos e olhos. Exercitam sua capacidade de observação, de concentração e percepção. Já para os maiores de sete anos, podem-se escolher quebra-cabeças de dificuldades progressivas. Pode igualmente proporcionar jogos de loto de figuras simplificadas com auto-adesivo. Os jogos de concentração são muito solicitados, sobretudo pelas crianças acamadas; eles divertem as crianças até a adolescência. Os pré-adolescentes em sua maioria gostam de jogar xadrez, monopólio, bingo, jogo do labirinto e os jogos de memória LINDQUIST (, 1993)..

Comportamento da criança frente à hospitalização

Lindquist (1993) nos mostra que é preciso utilizar a capacidade de concentração de desenvolver as habilidades da criança através da atividade que a divirta, pois a criança hospitalizada freqüentemente está inquieta e ansiosa. E ele ainda complementa dizendo: que uma criança não pode colocar para fora em palavras a sua ansiedade como fazem os adultos, todavia, consegue expressar seus sentimentos pela linguagem corporal, seu rosto, seus movimentos, principalmente quando brinca, conta-nos o que se passa dentro dela.

A Participação dos Pais na Assistência à Criança

Os pais podem ter dificuldades de saber como agir para atenderem às necessidades de seu filho, no hospital, ambiente que tem situações e regras próprias, desta forma, o enfermeiro ao trabalhar com a criança deve trabalhar também com seus pais (SCHMITZ, 2000).

Segundo Wharley & Wong (1999, P. 585), “Uma das melhores abordagens é encorajar os pais a permanecerem com seu filho e a participarem nos cuidados, sempre que possível”. Os pais que decidem permanecer no quarto devem ser orientados quanto ao que fazer, onde ficar e o que dizer para ajudar seus filhos durante o procedimento; as crianças precisam de muito apoio durante os procedimentos e sua maior fonte de apoio situa-se nos pais. Na maioria dos casos, a presença da mãe e a sua participação, juntamente com a equipe hospitalar, pode diminuir os efeitos traumatizantes e estressantes da criança, e assegura o êxito da conduta terapêutica na assistência da mesma. Eles ainda necessitam de ajuda para preparar seu filho para o tratamento, para o período da hospitalização e para o ajustamento da doença, dessa forma a criança saberá o que estará acontecendo com ela através de uma pessoa próxima e não por um estranho. Neste momento, os pais devem conhecer os benefícios do brinquedo no preparo da criança e no trato de sentimentos que ela tem dificuldade de expressar (SCHMITZ, 2000).

METODOLOGIA

Foi utilizada uma pesquisa qualitativa, realizada na Unidade Pediátrica do Hospital Santo Antônio, que está situado à Av. Bonfim, nº 161, na cidade de Salvador. O Hospital Santo Antônio é uma entidade filantrópica, fundado em 1949 quando Irmã Dulce abrigou, no galinheiro do seu convento, 70 doentes, tornando-se uma das maiores unidades de saúde do norte nordeste e referência na assistência à população carente não só das cidades da Bahia, mas de outros estados. O Hospital oferece atendimento 100% SUS, sendo que o complexo Roma comporta 1.010 leitos e abriga 500 moradores em sistema de asilamento – idosos, pacientes sociais e portadores de deficiências.

O Hospital da Criança, onde o estudo foi realizado, possui 102 leitos, UTI e especialidades clínicas e cirúrgicas. Atende a crianças e adolescentes até aos 18 anos, com acompanhamento materno, em instalações adaptadas às diferentes faixas etárias. Foi inaugurado no ano de 2000, oferecendo assistência médica hospitalar humanizada, conforme pregava Irmã Dulce, com seu lema “*amar e servir*”, prestando atendimento integral ao paciente, incluindo as

exigências do Conselho Nacional de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados.

As unidades de internamento do Hospital da Criança integram um prédio anexo ao Hospital Santo Antônio, que possui quatro andares, subdivididos por faixa etária, assim distribuídos: no térreo ficam internadas as crianças de 0 a 2 anos, no primeiro andar ficam as crianças de 3 a 5 anos, no segundo andar estão os pacientes de 6 a 10 anos, no terceiro pavimento estão os adolescentes, sendo que no último pavimento estão localizadas as Unidades de Terapia Intensiva e Semi-intensiva.

Nos três primeiros pavimentos, têm-se 6 enfermarias, um quarto de isolamento, uma sala para procedimentos, um posto de Enfermagem, uma sala de lazer com televisão e brinquedos, banheiros, sendo que no segundo andar funciona a coordenação de Enfermagem.

Foram considerados sujeitos do estudo, 30 pais e/ou responsáveis das crianças internadas no Hospital da Criança, portadoras de diversas patologias e que, de certa forma, fizeram uso de brinquedos durante o seu tratamento no Hospital, no período da coleta de dados; esse valor significou 36% do total de pais e/ou responsáveis das crianças internadas.

Os dados foram coletados em Abril de 2006, com duas visitas semanais à instituição no período matutino. Nas visitas foram aplicados formulários semi-estruturados, não identificados, contendo 11 perguntas abertas e fechadas, além do registro de imagens das crianças com seus brinquedos, que foi obtido através de uma máquina fotográfica digital como instrumento capaz de retratar a imagem mais real do momento.

O formulário preenchido pelo entrevistador buscou dados sobre parentesco, idade, tempo de internamento da criança, percepção das alterações do comportamento das crianças, entre outros, bem como suas opiniões pessoais sobre a importância do brinquedo no emocional das crianças.

Ficou estabelecida a denominação de genitores enumerados de 1 a 30, sendo que essa ordem foi estabelecida de acordo com a ordem de assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

RESULTADOS, ANÁLISE E DISCUSSÃO

Caracterização dos Acompanhantes e das Crianças Internadas no Hospital Santo Antônio

Foi constatado que a maioria dos acompanhantes das crianças internadas da amostra recrutada era compreendida por mulheres, em geral, mães e avós, o que deixava as crianças mais tranquilas. Esse acompanhamento, porém, também é feito por pais, avós, tios, e até por vizinhos. A escolha desse acompanhante é feita pela família, já que a sua permanência será de tempo integral.

O acompanhamento permanente à criança é assegurado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. (BRASIL, cap I, art. 12), “Os estabelecimentos de atendimento à saúde deverão proporcionar condições para permanência em tempo integral de um dos pais ou responsável, nos casos de internação de criança ou adolescente”.

Percebeu-se, no entanto, que pode haver rodízio entre os membros da família no momento desse acompanhamento, principalmente quando os pacientes são moradores da cidade de Salvador e regiões circunvizinhas, o que não acontece quando a criança vem de cidades mais distantes.

Verificou-se que o tempo de internação da criança sob a supervisão do sujeito pesquisado varia entre 3 e 36 dias, e que os acompanhantes referem vivências positivas em relação à utilização do brinquedo pela criança nos períodos anteriores à pesquisa.

Procurou-se saber a idade da criança, servindo de subsídio para se entender que tipo de brinquedo mais lhe agrada. Notou-se que 6 pessoas faziam o acompanhamento de crianças até 1

ano de idade, 14 pessoas acompanhavam crianças de 2 a 5 anos, outras 6 pessoas acompanhavam crianças de 6 a 10 anos e 4 outras acompanhando crianças de 11 a 13 anos.

Disponibilização dos Brinquedos no Hospital da Criança

Constatou-se que, em sua maioria, os acompanhantes levam brinquedos para as crianças no momento do seu internamento, seja para distrair, para tirar a seriedade do local, seja para tentar levar um ambiente familiar mais parecido com o da sua casa. “*Sim. Para que ele não estranhasse tanto o ambiente, se sentisse mais em casa*”.(Genitor 25). “*Sim. Porque ela está naquela fase de querer carregar a filha (boneca) para todo lugar que vamos, então é um modo dela se distrair*”.(Genitor 7). “*Sim. Para tirar a seriedade do ambiente*”.(Genitor 12).

Pôde-se perceber, porém, que alguns familiares desconheciam sobre o assunto, não sabiam que poderiam levar algum tipo de brinquedos para a unidade hospitalar, ou então não o levaram, pois o brinquedo que o filho possuía já era velho. Isso pode ser verificado nas falas: “*Não. Pois, não sabia que podia trazer, além do mais ela não tem esses brinquedos assim arrumados*”.(Genitor6). “*Não. Pois, não sabia que podia trazer algum brinquedo e nem qual eu poderia trazer*”.(Genitor21).

No Hospital da Criança, cada andar possui uma sala destinada ao divertimento da criança, seja na parte escolar ou mesmo usando os brinquedos, exceto no 3º andar, onde se localiza a Unidade de Cuidados Intensivos; em seu lugar foi construído um parquinho para que as crianças pudessem brincar a céu aberto, tendo ao seu redor plantas e um espaço para correr, brincar, pular.

Quando questionados sobre o que acham dos brinquedos disponíveis para as crianças na unidade, a maioria relatou que são insuficientes, diante da quantidade de crianças internadas, e que não existem brinquedos apropriados para determinadas idades e sexo. Consideraram, porém, os brinquedos existentes bastante educativos. Existiram, também, aqueles que nunca viram ou tiveram acesso aos brinquedos disponíveis para as crianças em decorrência da falta de incentivo e do conhecimento dos pais e/ou acompanhantes, em relação à importância do lúdico e da brincadeira. “*Bom, mas tem pouco brinquedo inclusive para crianças pequenas e meninas*”.(Genitor 30). “*Insuficiente, inclusive para meninas*”. (Genitor 20). “*Ótimo, porém é pouco para a quantidade de crianças*”.(Genitor 19).

Sobre a importância da disponibilização de brinquedos para as crianças internadas, unanimemente a resposta encontrada foi afirmativa, ou seja, eles consideram importante que as unidades pediátricas disponibilizem brinquedos para as crianças. E várias foram as justificativas encontradas: “*tira o estresse*”, “*distrai as crianças*”, “*tira a seriedade do ambiente*”. “*Sim. As crianças precisam de um local adequado para brincar*”.(Genitor 26). “*Sim. Eles ficam mais à vontade, tira a seriedade do ambiente*”.(Genitor 19). “*Sim. Pois muita gente que vem para cá, não tem condição de comprar brinquedos para seus filhos e aí, tendo aqui, é uma maneira de distrair a criança desse ambiente*”.(Genitor 8)

Esse resultado é bastante positivo, visto que o hospital já tem na sua estrutura física um local destinado à brincadeira da criança. Entretanto, é preciso que esse material seja mais especializado, tenha uma maior variedade de brinquedos e esses sejam disponibilizados de modo a atender a todos. Além disso, faz com que o ambiente fique mais parecido com a realidade da criança, já que ela não deixa de brincar no momento em que está hospitalizada.

Ao serem questionados sobre a utilização dos brinquedos da unidade, a resposta encontrada foi negativa, ou seja, a maioria das crianças não utilizam os brinquedos disponíveis na unidade. Então, pudemos perceber que essa não utilização dos brinquedos deve-se à restrição da criança ao leito, à falta de informação dos pais a respeito do assunto e também, como já foi demonstrada anteriormente, à insuficiência destes brinquedos na unidade. “*Não, ele está restrito ao leito*”.(Genitor 2). “*Não, porque os brinquedos não são adequados para a sua idade, eles*

podem machucar, pois tudo o que ele pega coloca na boca”.(Genitor 8). “*Não, pois não vi brinquedo*”.(Genitor 13).

Constatou-se, porém, que apesar de não fazerem uso dos brinquedos disponíveis na unidade, muitas crianças usavam os seus próprios brinquedos, aqueles trazidos de casa. E isso se deveu ao fato de que o local destinado a essa brincadeira não possui material lúdico adequado e suficiente ao número de crianças, e um profissional responsável para atrair essas crianças e direcionar essas brincadeiras de acordo com a sua faixa etária.

Comportamento apresentado pelas crianças após brincarem

Foi, em sua maioria, positiva, demonstrando com isso que os acompanhantes estão atentos às alterações apresentadas pelas crianças já, que eles são as pessoas que ficam a maior parte do tempo em companhia delas.

Quando questionados sobre quais seriam as alterações apresentadas pelas crianças, muitas foram as respostas encontradas; notou-se, no entanto, que para a demonstração dessas alterações, as respostas estão intimamente ligadas ao emocional da criança. “*Ele fica mais alegre, mais concentrado, menos agitado*”.(Genitor 5). “*Ele se apresenta mais alegre, mais concentrado, mais calmo, menos ansioso, menos agressivo com as pessoas*”.(Genitor 9). “*Percebo ele mais sorridente, mais calmo, menos abatido, menos ansioso*”.(Genitor18)

Ficou demonstrado que, mesmo estando no hospital, o comportamento dos pacientes frente ao brinquedo é bastante positivo.

Aceitação do tratamento pelas crianças internadas no Hospital Santo Antônio

A utilização do brinquedo pela criança hospitalizada reflete reação de positividade, o que propicia ativação de seus sentimentos, exteriorização das suas emoções e prática da criatividade. Percebeu-se, segundo as falas dos acompanhantes quando questionados sobre a melhor aceitação do tratamento terapêutico pela criança, que elas se apresentam mais receptivas e coesas à terapia na presença do brinquedo.

Notou-se, no entanto, que alguns familiares referem que o brinquedo não traz nenhum efeito no comportamento da criança para a aceitação da terapia medicamentosa, sempre existindo agitação à realização de um procedimento, em decorrência, algumas vezes, do trauma do branco: “*Ao ver uma pessoa de branco ele já começa a chorar, fica recuado e não deixa ser examinado, não importa quem venha olhar ele se é medico, enfermeira, pessoal do laboratório*”.(Genitor25)

O interesse da criança na utilização do brinquedo no hospital

O interesse da criança na utilização do brinquedo está intrinsecamente ligado à diversão e à abstração de histórias vividas ou imaginárias, de modo que a criatividade da criança no momento da brincadeira é aflorada e remete à uma perspectiva associada a seus pais, familiares e amigos. “*Sim. Mordedor de Borracha*”.(Genitor 24). “*Sim. Brinquedos de montagem ou algo que ela possa dar forma*”.(Genitor12). “*Sim. Carro, com ele o seu mundo se transforma*”.(Genitor 21). “*Sim. Mine-game*”.(Genitor 26)

Percebeu-se que há uma variação entre as respostas obtidas pelos acompanhantes em relação às várias faixas etárias na escolha do brinquedo predileto. As crianças de 0 a 1 ano têm interesse maior sobre os brinquedos de borracha e pelúcia, de 2 a 5 anos preferem mais os brinquedos de montagem. As crianças ente 6 e 10 anos demonstram interesse maior com os carros e bonecos, já os adolescentes de 11 a 13 anos identificam-se com os jogos eletrônicos e educativos.

CONCLUSÃO

A hospitalização é sempre traumática em pediatria e ela pode ser estressante e dolorosa não só para as crianças como também para o acompanhante. Então, para tentar minimizar esse período é interessante que esse acompanhamento seja feito por algum familiar de vínculo sanguíneo, de preferência a mãe, já que esse é um direito assegurado pelo estatuto da criança e do adolescente.

Deve-se permitir à criança hospitalizada condição para que ela possa continuar exercendo as atividades inerentes a sua idade, sendo uma delas, a brincadeira, que faz com que as crianças se relacionem com o mundo, desenvolvam seus sentimentos, sua linguagem, sua concentração, permite a construção de amizades, conhecimento de seus medos, seus limites. Não podemos esquecer de que o brinquedo também fornece meios para que os profissionais de saúde percebam as necessidades e os desejos das crianças, já que muitas vezes elas têm dificuldades de verbalizar o que sentem.

A disponibilização de brinquedos nas unidades pediátricas é de suma importância para as crianças enfermas, pois através da brincadeira a criança consegue trazer de volta para si a alegria, a auto-estima, além de estimular o sistema imunológico, aliviar a dor, diminuir a ansiedade e o estresse.

De forma geral, pode-se concluir que qualquer que seja a enfermidade que uma criança esteja enfrentando no internamento, ou até mesmo em casa, ela jamais deverá ser impedida de brincar, visto que o brinquedo traz uma contribuição significativa para o seu processo de recuperação, na melhora do seu comportamento e, quem sabe, até a cura. Com os brinquedos, as crianças se sentem mais alegres, ficam mais concentradas, mudam seu comportamento.

Os brinquedos disponíveis na unidade são considerados insuficientes, visto que as crianças não brincam com determinados brinquedos, pois não são adequados nem para a sua idade e nem para o seu sexo.

Após brincarem, as crianças conseguem aceitar melhor o tratamento. Sentem-se mais alegres, melhores, e se deixam ser examinadas.

Recomenda-se que as salas destinadas ao uso do brinquedo sejam providas de material necessário para a brincadeira das crianças hospitalizadas, de maneira que haja disponibilidade de brinquedos e que possa atender todas as crianças sem distinção de sexo ou idade, e que sejam realizados outros estudos sobre a temática, incluindo a enfermagem como peça importante nessa terapêutica.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Patch. **O amor é contagioso**. 7ªed. Rio de Janeiro. Editora Sextante, 1999.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente** - Legislação, Normativas, Documentos e Declarações. Disponível em: <<http://www.unicef.org/brasil/estum.htm>> .Acesso em: 22 de set.2005.

CHAUD, Massae Noda; SORGINI, Peterlini; HARADA, Maria de Jesus Castro Sousa; PEREIRA, Sônia Regina. **O cotidiano da Prática de enfermagem Pediátrica**. São Paulo, Editora Ateneu, 1999.

LINDQUIST, Ivonny. **A criança no Hospital: terapia pelo brinquedo**. São Paulo, Editora Scrita, 1993.

MURAHEVSCHI, Jaime; **Pediatria: Diagnóstico + Tratamento**. 6ª ed. São Paulo, Editora Sanvier, 2003.

PAIXÃO, Érica Cristina Jacob Guimarães. **O relacionamento da enfermagem com a criança hospitalizada**, 1997. Disponível em:<
<http://www.hospvirt.org.br/enfermagem/port/hospital.htm>>. Acesso em: 23 de out 2005.

REZENDE, Magda Andrade. **Enfermagem Pediátrica: O cuidado de Enfermagem à criança e ao adolescente**. São Paulo. Editora EPU, 1996.

SCHMITZ, Edilza Maria. **A Enfermagem em Pediatria e Puericultura**. Atheneu, 2000.

SIGUAD, Cecília Helena de Siqueira. et al. **Enfermagem pediátrica - O cuidado de Enfermagem à criança e ao Adolescente**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária LTDA, 1996.

TOMPSON, Eleonor Dumont; ASHWILL. **Uma introdução a Enfermagem Pediátrica**. 6ª ed. Jean Porto Alegre, Editora Artes Médicas, 1996.

WHARLEY, Lucielle; WONG, Donna L. **Enfermagem Pediátrica: Elementos essenciais à intervenção efetiva**. 5ª ed. Rio de Janeiro, Editora Guanabara Koogan S.A., 1999.